

Após quase 120 anos da abolição da escravidão, as comunidades negras ainda convivem com a exclusão social e política. A formação de quilombos no meio da densa Mata Atlântica serviu de refúgio e espaço de luta para que a cultura negra não desaparecesse. A religiosidade, a música, as danças, os dialetos de matriz africana, o artesanato, o trabalho de mutirão, entre outras expressões, são a base da existência desses grupos.

Na bacia do rio Doce, remanescentes desses quilombos continuam resistindo, apesar da invisibilidade social do movimento. É o caso da comunidade quilombola do Indaiá, localizada no município de Antônio Dias e reconhecida oficialmente em julho de 2006.

Os primeiros moradores chegaram ao Indaiá na segunda metade do século XIX, fazendo picada pelo mato, vindos de São Paulo, principalmente das fazendas de café. Hoje, as tradições culturais da comunidade quilombola do Indaiá vêm sofrendo um grande abalo, com a desestruturação social causada pela falta de emprego e renda e pela problemática da terra, que acarretam baixa auto-estima e migração de famílias.

Moram atualmente em Indaiá aproximadamente cem pessoas, numa área reduzida dos oitenta hecta-

res originais para apenas vinte. São dezenove famílias distribuídas em dezoito casas de pau-a-pique, que só recentemente receberam rede elétrica. As famílias vivem da agricultura familiar, da extração de palmito e da venda de artesanato (chapéu e esteira de palha, muito conhecidos na região de Antônio Dias e feitos com a folha da palmeira que deu origem ao nome da comunidade). Não existe rede de esgoto e o abastecimento de água vem de nascentes. A educação e a saúde no Indaiá são precárias. Muitas doenças têm como únicos tratamentos a ação das benzedeiras ou chás de plantas medicinais colhidas no entorno das casas e nas matas da região.

Na comunidade quilombola do Indaiá, os traços da cultura negra estão presentes nas construções, na disposição das casas, umas próximas das outras, bem como nos tipos de plantações em volta das moradias, em especial a cana. A religião predominante é a católica, acrescida de diversas expressões e valores africanos. É marcante a luta pela preservação dos muitos elementos da cultura que ameaçam desaparecer, como as danças: umbigada, caxambu, fogo do ar, capoeira, congado e principalmente o batuque.

Hoje, a comunidade possui uma associação comunitária filiada à Federação Estadual das Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais.



REMANESCENTES

Junto com o Indaiá existem na bacia do rio Doce mais três comunidades quilombolas que ganharam reconhecimento oficial pelo Governo Federal, segundo dados da Fundação Palmares. Todos situam-se em Minas Gerais: Barro Preto, em Santa Maria de Itabira (que possui grande relação de parentesco com o Indaiá); Buieie, em Viçosa, e Bernardos, em Raul Soares. De acordo com o CEDEFES - Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva -, organização não governamental de caráter científico, cultural e comunitário, com sede em Belo Horizonte, é provável que existam diversos outros remanescentes de quilombos espalhados na bacia do Doce à margem das ações oficiais.